



CARTA MENSAL

Colégio Brasileiro de Genealogia

Ano XXIII - Nº 96 - nov-dez 2009/jan 2010

COMEMORAÇÃO DE FIM DO ANO 2009

Almoço de Confraternização - Foi realizado no dia 28 de novembro no Restaurante À Mineira, no bairro de Botafogo, Rio de Janeiro com a presença de sócios e familiares. Foram momentos muito agradáveis, de alegre e ruidosa convivência, e que fecharam de maneira especial o ano de 2009, no qual a Diretoria CBG, mais uma vez, contou com o apoio e o incentivo do Quadro Associativo.



Attila, Gilda von Sothen, Pamplona e Barata



Elza e Aylzo (de Traubaté-SP), e Carlos Paiva

SÓCIOS SÃO NOTÍCIA

- Pelos 500 anos da chegada de Caramuru ao Brasil, em 5 de novembro a ABL – Associação Brasileira de Letras promoveu um debate sobre o histórico personagem, presidido pelo embaixador Alberto da Costa e Silva. Debateram Joel Rufino dos Santos, Consuelo Pondé de Senna, Amadeu Torres (que veio de Portugal para o evento) e **Francisco Antonio Moraes Accioli Doria**.
- Em 11 de novembro, **Victorino Chermont de Miranda** coordenou mesa redonda sobre D. Helder Câmara, no Seminário Arquidiocesano São José, Rio de Janeiro.
- **Vitor Escudero** apresentou, na Seção de Genealogia e Heráldica da Sociedade de Geografia de Lisboa, o tema *Homenagem da Secção ao Cronista de Armas de Castilla-Leon Senhor Marquês de La Floresta*, no dia 13 de novembro.
- Na sexta-feira, dia 8 de janeiro, **Cinara Maria Bastos Jorge**, de Três Rios-RJ, realizou trabalho para o Canal 5, da TV local, a ser apresentado em breve, com tomadas no Cemitério da Rocinha da Negra – da família Cerqueira Leite, e no casarão do Registro do Ouro – o único ainda de pé no Caminho Novo, ambos em Simão Pereira-MG; e na Ponte do Rio Paraibuna, divisa dos estados de MG e RJ. Foi acompanhada por **Regina Cascão**, que estava em visita a Três Rios.
- A pedido do pároco, Pe. Márcio, **Cinara** e **Regina** estiveram, no dia seguinte 9 de janeiro, no Santuário de Bom Jesus de Matosinhos, da antiga freguesia de Santana de Sebolos (com S mesmo...), hoje Inconfidência-RJ, para encapar alguns livros de assentos de batismos, matrimônio e óbitos ali existentes, além de organizar todo o conjunto. A tarefa das duas associadas foi uma contrapartida à disponibilidade do sacerdote, que não cria óbices a que se acessem os documentos paroquiais.

NOTÍCIAS DO CBG

Notas de falecimento

- Apenas em 30 de dezembro, chegou ao conhecimento do Colégio o falecimento do Sócio Adjunto **Padre Clementino Marcuzzo**, ocorrido na manhã do dia 15 de junho, em Santa Maria, Rio Grande do Sul, onde residia. Sacerdote e jornalista, Pe. Marcuzzo centrava suas pesquisas na Quarta Colônia de Imigração Italiana - região do Rio Grande do Sul que foi o quarto centro de colonização italiana no estado. Grande incentivador das festas e atividades culturais de sua região, fundou a Sociedade Ítalo-Brasileira Dante Alighieri, a Associação Cultural dos Imigrantes do Vale Vêneto e a Associação dos Ex-Alunos do Vale Vêneto. Foi o criador da Semana Cultural Italiana, que acontece todos os anos em Santa Maria-RS. Foi Diretor do Museu Histórico e Cultural Vicente Pallotti. Nascido em Cachoeira do Sul - RS, a 12.09.1927, associou-se ao CBG em 27.01.1992, tendo sido eleito Adjunto em 14.12.1995. Com sua morte, a cultura italiana perdeu um dos seus mais dinâmicos pesquisadores, autor de inúmeros trabalhos na linha da imigração italiana, publicados em jornais gaúchos e de outros estados. Buscou incessantemente fortalecer as origens de sua gente, pois sempre dizia que preservar a memória é manter viva a cultura de um povo.
- Registramos também o passamento de dois sócios Correspondentes, ambos franceses, do que apenas tivemos conhecimento ao pesquisar na Internet:



Gerard Saclier de la Batie, a 20 de agosto de 2006. Nascido em 1925, fundou o Centre d'Entraide Généalogique, associação que presidiu até 1970. Filósofo. Católico tradicionalista, fundou a 'Union des cercles légitimistes de France (UCLF)' e o jornal Gazette Royale, difusor das idéias conservadoras, contrárias às deliberações do Concílio Vaticano II. Associou-se ao CBG a 12.05.1967; e



Bernard de Nercy, a 12 de outubro de 2009. Houve missa por sua alma na Igreja Saint Léonard de Croissy sur Seine no dia 16 de outubro. Administrador de empresas. Diretor do CEGHIF - Cercle d'Etudes Généalogiques et Héraldiques de l'Ile-de-France. Autor de diversos artigos e livros, entre os quais citamos *Les Bussièrre de Nercy: Une famille bien bourgeoise*. Nascido a 20 de janeiro de 1931, associou-se ao CBG em 12.09.1988.

BIBLIOTECA DO CBG

Agradecemos o envio do volumes abaixo listados, que enriquecerão nosso acervo bibliográfico:

- O Centenário da *Família Flumignan no Brasil - 1897-1997*, de **Izidoro Flumignan**, doação do autor, por intermédio do filho **Izidoro de Hiroki Flumignan**;
- *Histórias que a Cecília contava* - de Maria Selma, José Murilo e Ana Emília de Carvalho, Editora UFMG, 2008 - contendo genealogia do casal banto Cecília e Martinho. Doação de **Esther Bertoletti**.
- *Os Rodrigues da Cunha - A saga de uma família* - de Antonio Ronaldo Rodrigues da Cunha e Marta Amato, 2008. Doação dos autores, por intermédio de **Esther Bertoletti**.
- *Emigrantes alemães e sua inserção no processo histórico de formação da povoação-Palácio de Petrópolis (1845-1886)* - de **Jorge Olmar Marialva Copello**, doação do autor.
- *Lucas Borges de Carvalho - Subsídios Históricos e genealógicos* - de Eneiva Gláucia de Souza Franco, Edicon, São Paulo, 2006, doação da autora;
- de **Adauto Ramos**, doação do autor
Arthur Coêlho - Um paraibano na América
José da Silva Coêlho - Título de Herdeiros e Testamento - 1881

LANÇAMENTOS DE LIVROS

- 04 de novembro - **Cybelle de Ipanema** - *A Tipografia em São Paulo*, no IHGB.
- 11 de novembro, **Cléia Weyrauch Schiavo** - *Deus abençoe esta bagunça - Imigrantes Italianos na cidade do Rio de Janeiro*, no Instituto Italiano de Cultura, Rio de Janeiro-RJ.
- 12 de novembro - Adilson Cezar - *O Programa nuclear brasileiro: um caminho com muitas saídas*, em São Paulo, com apoio do CTMSP-Centro Tecnológico da Marinha; e em Sorocaba-SP a 11 de dezembro
- 07 de dezembro - **Miridan Britto Falci** - *Gênero & Escravidão*, na Universidade Severino Sombra.
- 23 de dezembro - **Célia Lamounier de Araújo** - *Cadinho de Sonhos*, seu 7º livro, no Clube ACII em Itapeperica-MG.

(por Zélia Maria Nascimento Sell, jornalista e pesquisadora)



Quando terminava pós-graduação em Administração com Ênfase em Planejamento Governamental na Universidade Católica de Curitiba, no início dos anos 90, escolhendo o tema de meu trabalho de fim de curso, a imigração alemã chamou-me a atenção pela falta de dados, detalhes em sua maioria desconhecidos.

Imediatamente lembrei-me das conversas com meu avô Víctor Peters Grein, professor descendente por pai e por mãe dos “alemães antigos” chegados nas duas primeiras levadas a Rio Negro no ano de 1829. Preparei então um trabalho que acabou premiado naquela cidade e publicado na edição do centenário do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná do ano 2000 com o título “E Seus Olhos Eram Azuis Como os Céus do Sul”.

Posteriormente dei continuidade à pesquisa concluindo “Histórias de Grein”, ainda não publicado. Lembrei, neste trabalho, toda a coragem, o sofrimento e empreendedorismo daqueles que, deixando suas raízes no Trier, pertencente à Prússia, (“Preussen” nos registros do Arquivo Público) depois Renânia, (Rheinland-Pfalz), vieram se aventurar no Sul do Brasil.

O assunto é sério e requer muito critério para não incorrerem em erros.

Para escrever sobre o tema, primeiro vamos definir quem é alemão. Devemos lembrar que a Alemanha, como país, só foi consolidada em 1871, sendo, antes, uma infinidade de pequenos reinos que chegaram a somar 370! Aliando-se uns aos outros e também contra os outros, ao sabor de guerras, casamentos políticos e conveniências, os membros dessas comunidades tiveram em comum, muitas vezes, somente a língua, o idioma.

O mérito da unificação coube a Bismarck, primeiro-ministro da Prússia, um dos maiores estados de língua alemã.

As derrotas em duas guerras mundiais colocaram a Alemanha de joelhos por algum tempo, mas foi extraordinária sua recuperação! Um país 24 vezes menor que o Brasil e com a metade da população, hoje já produz quatro vezes mais bens e serviços do que nós. Mesmo com a incorporação, em 1990, da ex-Alemanha Oriental, um verdadeiro “poço de baixa produtividade”, hoje a Alemanha é a terceira maior potência econômica mundial, superada somente pelo Japão e Estados Unidos, e é também a primeira potência da Europa.

Em outra ocasião, pesquisando desta feita o sobrenome de meu marido, “Sell”, deparei-me com história semelhante à de Rio Negro no município catarinense de São Pedro de Alcântara: aqueles imigrantes tinham chegado no mesmo ano (1829) em navio com nome semelhante e provinham da cidade de Eifel, também na Renânia.

Coincidência? Não, nada acontece por acaso: na mesma época, enchentes uniram no infortúnio paranaenses e catarinenses.

Voltemos, então, à história:

Foram fins estratégicos que levaram Dom João VI e depois seu filho Dom Pedro I e seu neto Dom Pedro II a pensarem a imigração alemã para o Brasil: ocupar vazios demográficos, dilatar o vasto reino e criar uma classe social de pequenos proprietários rurais, permitindo a imigração de não-portugueses.

Não podemos esquecer que Dom Pedro I era casado com - e Dom Pedro II era filho de - uma Habsburgo, a princesa austríaca dona Leopoldina, responsável por trazer em sua comitiva grandes cientistas e pensadores germânicos. Mulher culta, politizada, (diretamente responsável pela independência do Brasil, juntamente com José Bonifácio de Andrada e Silva), preparada com grande esmero para exercer sua função, muito amou o Brasil, mandando até pintar nas paredes do Castelo de Schonbrunn, na Áustria, nossas paisagens tropicais, que muito admirava.

Para contarmos essa história, usaremos como base as obras as mais antigas e autênticas possíveis, como a edição do centenário da cidade de Rio Negro (datado de 1929), e autores como Fouquet, Werner Aulich, Francisco Negrão, Ernesto Niemeyer, Sergio Buarque de Hollanda, Saint Hilaire, Wilson Martins, P.W.Fugmann e Carlos H. Oberacker Júnior, além de depoimentos de descendentes desses primeiros alemães, com base na história oral, que julgamos da maior importância.

A presença alemã veio trazer à população e à cultura brasileira valores e estilos de comportamento que em vários setores de atividades acrescentaram aos elementos básicos da população um vigor e uma dinâmica progressista que são inegáveis.

Há autores que citam a presença alemã na cultura e na vida brasileira desde o século XVII com o domínio holandês no Nordeste do país. Segundo Sérgio Buarque de Hollanda, “alemães foram muitos dos administradores e funcionários que nos enviou a Companhia das Índias Ocidentais, a começar pelo seu general mais ilustre, Sigismundo Von Schkoppe, e alemães fugidos das guerras religiosas foram também muitos dos colonos então instalados em

Pernambuco e regiões vizinhas, e o próprio governador do Brasil Holandês na época de sua maior prosperidade, o Conde Maurício de Nassau, o primeiro estadista brasileiro.”

Outro aspecto importante da influência alemã sobre a vida brasileira é colocado por Oberacker Jr., salientando as relações entre escravatura e imigração: sendo o sistema de colonização baseado na pequena propriedade, o alemão cria no Brasil uma nova camada social absolutamente independente dos engenhos e pecuaristas e contribui ainda para separar Igreja e Estado, abrindo caminho às religiões reformadas.

Dos contatos de alemães no Brasil o maior exemplo parece ser Thomas Mann, filho de alemão com mestiça brasileira, (de português com ameríndia), e que no seu pensar e escrever literário enriqueceu a sensibilidade, imaginação e inteligência dos povos.

Laços étnicos, lingüísticos e históricos atribuem hoje o sentido do termo “alemão” a austríacos, alsacianos e suíços de língua alemã, e mesmo holandeses e flamengos que, embora dissociados politicamente, se associam por esses laços cultivando o alto-alemão como idioma escrito e literário.

Os antigos historiadores jesuíticos costumavam dizer que São Paulo (ao qual pertencia o Paraná, que só recebeu este nome em 1853), Planalto de Piratininga na era das bandeiras, era um núcleo de aventureiros vindos de vários recantos da Europa, e não apenas de Portugal.

Diziam também que o fundador de Curitiba (que antigamente denominava todo o território paranaense, estendendo-se até os limites de Lages), Eleodoro Eobano, que organizou a lavra do ouro e o povoado, era neto, por sua vez, de Eobanus Hesus, humanista alemão encontrado no século XVI em São Vicente por outro alemão de Hesse: ninguém menos que Hans Staden. E também que os nomes flamengos de Franz Tack e Geraldo Betting, de Duisburgo, reaparecem nos nomes paulistas “Taques” e “Betim”.

É por isso que a formação da nação brasileira não deve ser atribuída tão-somente a portugueses, negros e aborígenes.

Para “encurtar a história”, não abordaremos a participação teuta no descobrimento e conquista do Brasil, com o astrônomo Mestre João Bacharel - Johannes Bacalareus (cujo sobrenome seria Varhagen ou Emerich, perito náutico, astrônomo, médico e cirurgião da esquadra de Pedro Álvares Cabral), nem tampouco a presença viking na América muito antes de Cristóvão Colombo, ainda no ano de 800...

Vamos direto ao período colonial, quando os primeiros alemães se fixam em nosso país em companhia de Martim Afonso de Souza em 1532. Assim ele relatava em seu diário: “Eu trazia comigo alemães, italianos, homens que estiveram nas Índias e franceses...”

Hans Staden, o primeiro alemão conhecido que pisou o solo dos estados sulinos do Brasil (Paraná e Santa Catarina), aqui permaneceu por dois anos. Persuadido por Braz Cubas e por entender de artilharia, auxiliou na defesa do forte de São Vicente. Ao visitar as colônias, Tomé de Souza deu ordem para a construção de uma fortaleza sob o seu comando, o Forte São Felipe. Apreendido pelos índios quando caçava, escapou, com auxílio de um francês, de ser devorado em Ubatuba. Os relatos de suas aventuras tiveram 78 edições em 15 idiomas.

Para a industrialização da cana, plantada na colônia de São Vicente, Martim Afonso construiu, em sociedade com capitalistas e técnicos, o primeiro engenho de refinação de açúcar no país. Entre os sócios estavam van Hielst (ou Veniste, Visnate ou Huls), técnico em construção de moinhos hidráulicos. O engenho, tocado a água, foi por muitos anos o mais importante do Brasil.

No ano de 1550, Erasmo Schetz adquiriu a quota dos portugueses, oferecida à venda em Antuérpia. Dono de uma grande casa de comércio em Flandres, entreposto para a Alemanha, em 1553 passou a administrar a empresa “Engenho de Açúcar de São Jorge dos Erasmos” em São Vicente.

Já Ulrico Schmiedel, filho de uma família de Straubing, sobre o Danúbio, esteve durante 20 anos a serviço da Espanha com mais 150 alemães, participando da conquista do Prata e fundação de Buenos Aires e Assunção. Quando resolveu dar baixa nesse serviço e alcançar a tempo um navio da casa Schetz, seguiu por terra nos anos de 1552/3 partindo de Assunção, Rio Paraguai e atingiu o Rio Paraná nos saltos de Guaíra. Alcançou o Porto de Santos e Santo André, onde vivia João Ramalho. Alcançou o navio e voltou à Europa. Como a obra de Hans Staden, seus relatos da época são preciosos.

E voltando aos primeiros (oficialmente) imigrantes alemães do Paraná e Santa Catarina... Como teriam vindo para cá?

O major Jorge Antonio Schaeffer, Agente de Assuntos Políticos de Dom Pedro I, “foi enviado à Europa em missão secreta para penetrar na política do gabinete austríaco, prussiano e bávaro, pondo em prática todos os meios para adesão à causa do Brasil”

Segundo a “História da Imigração no Brasil”, do “Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileira”, o objetivo era “contratar militares para assegurarem e consolidarem a independência do Brasil, ainda em perigo, e colonos para povoarem e defenderem a fronteira meridional, única ainda ameaçada do Brasil”.

Pressionado pela oposição política, porém, Dom Pedro I assinou, em 15 de dezembro de 1830, a Lei do Orçamento, que suspendeu todos os recursos para a colonização estrangeira. Até então, 10 mil alemães tinham vindo ao Brasil com base na portaria de Dom João VI, de 1820, que manifestava ostensivamente a preferência pela etnia, convidando “outros países e preferencialmente os da Alemanha”.

Os oito itens do decreto ofereciam terra gratuita e livre de impostos por 10 anos, sendo que as famílias que regressassem à Europa antes deste período perderiam as terras, que voltariam à Coroa e seriam doadas a outras famílias. Os colonos estabelecidos no Brasil seriam “cidadãos de Sua Majestade”, com direitos e deveres iguais aos dos portugueses. Cada distrito colonial seria administrado por diretor indicado por Sua Majestade, e para entrar no gozo dos direitos mencionados, todos os colonos deveriam ser da religião católica-romana e também, ser pessoas de bons princípios e costumes.

A chegada da Família Real e sua corte ao Brasil, e a abertura dos portos às nações amigas são também fatores que levaram à abertura da estrada da mata, encaminhando para essa região os primeiros imigrantes germânicos: Ermelino de Leão cita que “só as campanhas do sul possuíam em suas pastagens gado vacum e cavalos em abundância capaz de abastecer a metrópole, mas para isto era necessário boas vias de comunicação, e por aviso régio de 1820 foi determinada ao governo de São Paulo a abertura da “Estrada da Mata”, para que “pudessem passar as manadas de gado vacum e cavalos que vinham do Rio Grande do Sul”.

O aviso régio incumbia o sargento-mór João da Silva Machado da missão de abrir a estrada, fornecendo-lhe 30 homens, armas e pólvora, e em meados de 1827 o presidente da província de São Paulo já o incumbia de fundar um núcleo colonial no Rio Negro, tendo por base a Colônia Caxias, no Rio Grande do Sul, formada por colonos alemães que, “por lutas políticas ou religiosas procuravam o Brasil”.

“Para isso, mandou o presidente que fossem demarcados lotes de 500 braças quadradas ao sul de Rio Negro, até o rio Butiá. Nesse mesmo tempo, alguns paulistas fixaram suas moradas próximas à Serra do Espigão, formando os povoados de Estiva, oito léguas ao sul do referido rio e o de São Lourenço, além do rio, onde se abria a Estrada de Campo Alto, na Serra do Espigão, donde partia a Estrada da Mata, com destino a Lages”.

Em fevereiro de 1829 (dia 6 ou dia 19?) chegaram a Rio Negro as primeiras famílias alemãs, compostas de 105 pessoas, das quais 45 de maior idade, vindas do Trier, sul da Alemanha. Entre eles estava Pedro Grein, sua mulher Ângela, os filhos Anna, Mathias e João (os demais já nasceriam no Brasil) e o agregado Mathias Schuler. Esses colonos tiraram seus passaportes em Bremen, em 02 de abril de 1828, e foram visados no Consulado do Rio de Janeiro em 30 de setembro e 13 de outubro de 1828.

Em novembro de 1829 chegaram mais 31 famílias com 142 pessoas, das quais 59 de maior idade. Entre elas estavam os Peters.

O Barão de Antonina, o gaúcho João da Silva Machado, foi o primeiro senador da província do Paraná, e por seus múltiplos afazeres, “não pode dar a atenção devida ao serviço de colonização, e os colonos acabaram atirados à sorte em pleno sertão, com feras bravias e índios indomáveis”. Para garantir a subsistência tiveram que derrubar a mata, destocar a terra e plantar o cereal necessário à vida. Mesmo assim, a colônia prosperou e se estendeu nas duas margens do Rio Negro, sendo edificada na margem esquerda a Capela da Mata, depois consagrada ao Senhor Bom Jesus. Por decreto de 10 de outubro de 1831, do Governo da Regência, foi criada uma Escola de Primeiras Letras.

O núcleo foi elevado à categoria de Freguesia em 1838, e a vila e município em 2 de abril de 1870, dando-se a instalação oficial em 15 de novembro de 1870.

O segundo batismo que se realizou em Rio Negro foi do menor José, filho de Pedro Grein e Ângela Hernes, em 24 de novembro de 1829, tendo como padrinhos o coronel João da Silva Machado e dona Izabel Maurícia, sendo capelão o Padre Francisco Gonçalves Pacheco.

Conclui o historiador e genealogista Francisco Negrão: “esses destemidos cidadãos foram os primeiros colonos estrangeiros que vieram povoar nossas terras, trazendo com sua experiência e amor ao trabalho o exemplo fecundo que proliferou fazendo a felicidade de nossa pátria”.

FRAGMENTOS CULTURAIS

ARQUIVO - Arqshoah - Arquivo virtual do Holocausto e Antissemitismo - Projeto do Laboratório de estudos de etnicidade, racismo e discriminação, do departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas da USP, sob coordenação de Maria Luíza Tucci Carneiro. Através do site é possível acessar fichas de sobreviventes, história de pessoas que ajudaram perseguidos, documentos, notícias da época etc.

<http://www.arqshoah.com.br>

HISTÓRIA - Historiografia das formas familiares: dilemas e encruzilhadas - Ricardo Cicerchia - "Em que sentido podemos dizer que a família tem história? E em que sentido a família europeia, inspiradora dos modelos clássicos de análise, se diferencia das do resto do mundo?"

<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/15673/10414>

EXPEDIENTE

Boletim Informativo
COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA
www.cbg.org.br

Av. Augusto Severo, 8 - 12º andar - Glória
20021-040 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 2224-9856

Dias e horários de funcionamento:

2ª-feira - de 13 às 17 horas.

4ª-feira - de 14 às 17 horas.

Diretoria: Presidente Carlos Eduardo de Almeida Barata
Vice-Presidente Attila Augusto Cruz Machado
1º Secretário Regina L. Cascão Viana
2º Secretário Eliane Brandão de Carvalho
1º Tesoureiro Vera Lúcia Garcia Ferreira
2º Tesoureiro Edna Maria de Sá Carvalho Galvão
Publicações e Eventos Leila Ossola
Informática Giancarlo Marques Zeni

Conselho Fiscal: Hugo Forain Junior
Roni Fontoura de Vasconcelos Santos
Victorino C. Chermont de Miranda

Página www.cbg.org.br
Email cbg@cbg.org.br

Diagramação: ESCALE INFORMÁTICA
www.escale.com.br

Impressão: Fábrica de Livros - SENAI RJ

Exposição em Teresópolis - Em homenagem ao Cel. Henrique Fernando Claussen, filho mais velho dos imigrantes dinamarqueses casal Jacob Ferdinand Claussen e Carolina Müller Wass, será realizada uma Exposição de documentos raros, objetos, textos e informações genealógicas sobre as famílias tradicionais de Teresópolis-RJ. A Abertura Solene se dará no dia 20 de março, sábado, às 16 h na Casa de Cultura Adolfo Bloch, Pç Juscelino Kubitschek de Oliveira, no Alto de Teresópolis, com entrada franca. A mostra estará aberta à visitação pública por 30 dias. Prestígio!

REMETENTE



COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA
www.cbg.org.br

Av. Augusto Severo, 8 - 12º andar - Glória
20021-040
Rio de Janeiro - RJ

DESTINATÁRIO

IMPRESSO